

Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



MULHERES: NOVO ARQUÉTIPO PARA O SEGUIMENTO EM MARCOS

Women: a new archetype for following in Mark

Eduardo dos Santos de Oliveira *

Resumo

Visamos analisar o papel das mulheres como incentivadoras às comunidades de Marcos, as quais figuram como novo “padrão” para o seguimento. O número das mulheres que figuram no evangelho de Marcos totaliza sete: a sogra de Pedro, as duas mulheres praticamente mortas há 12 anos, a siro-fenícia, a viúva, a mulher que unge Jesus e as que o acompanham até a cruz. A inovação de Marcos está em apresentá-las positivamente em sua relação com Jesus, indicando-as como modelos de discípulas, mesmo situadas numa sociedade patriarcal. Passando o olhar sobre esses relatos, sob alguns passos do método histórico-crítico, pretendemos descortinar um novo horizonte, no qual novas relações com Deus e com a comunidade podem ser estabelecidas por meio de modelos que causam impacto ao leitor.

Palavras-chave: Evangelho de Marcos. Hermenêutica bíblica. Modelos.

Abstract

We aim to analyze the role of women as encouragers for the communities of Mark, which appear as a new “pattern” of following. The number of women which appear in the gospel of Mark are a total of seven: Peter’s mother in law, the two practically dead women of twelve years suffering, the Syro-Phoenician, the widow, the woman who anoints Jesus and those who accompany him to the cross. Mark’s innovation is in presenting them positively in their relationship with Jesus, indicating them as models of disciples, even though they are situated in a patriarchal society. Looking over these stories, using some steps of the historical-critical method, we intend to unveil a new horizon in which new relations with God and the community can be established through models which impact the reader.

Keywords: Gospel of Mark. Biblical hermeneutics. Models.

* Mestre em Teologia pela Faculdades EST.

Considerações Iniciais

Há muito já foi quebrado o tabu de que tudo o que foi escrito nos evangelhos é histórico no sentido moderno do termo. Isto deve ser entendido e aplicado não apenas a Jesus, na procura pelo “Jesus Histórico”. Na criatividade redacional, os autores bíblicos abriram mão do “histórico”, em prol da verdade teológica, não só no concernente a Jesus, mas também às pessoas implicadas nos relatos. Este artigo não visa reconstruir o histórico, mas, entender o papel ocupado pelas mulheres na dinâmica do evangelho de Marcos. Ou seja, qual a intenção que Marcos tem ao “pintar” as mulheres do modo que o faz?

Para tal intento, daremos três passos: iniciaremos buscando entender as comunidades de Marcos em seus lugares concretos, com os desafios daquele tempo (1). Essa compreensão das comunidades destinatárias do evangelho ajudará a entender melhor o papel desempenhado pelas mulheres (3) ao longo do texto, as quais podem ser contrapostas aos discípulos (2). Veremos que, na verdade, os dois grupos servem de arquétipos para as comunidades que enfrentavam o desafio de seguir Jesus e esbarravam em limitações possíveis de serem superadas, desde que retomado o ensinamento de Jesus através de exemplos “concretos” de pessoas.

1 - O contexto das comunidades de Marcos

Passados pouco mais de 30 anos da morte e ressurreição de Jesus muita coisa era diferente em relação a seu tempo. Os desafios cresciam e, ao mesmo tempo, iam mudando. Crises se instalavam nas comunidades. Talvez porque as situações vividas por elas, não eram mais as mesmas sobre as quais Jesus se pronunciara e com as quais interagira. Respondendo de maneira criativa a esses desafios e crises, as comunidades obrigatoriamente tinham que rever sua postura, a fim de proclamar e viver sua fé no Ressuscitado.

O gênero literário *evangelho* é uma resposta a esses desafios e crises. Sem a pretensão de ser redação biográfica, os evangelhos pretendem, ao retomar a vida e missão de Jesus, estimular as comunidades a não perderem o essencial no seguimento ao Mestre. Para uma melhor aproximação destas tensões que formam o pano de fundo dos evangelhos (em nosso caso, o de Marcos) precisamos compreendê-las sob dois prismas: o externo e o interno.

Do ponto de vista externo, é mister lembrar que os cristãos viviam num ambiente de hostilidade e perseguição.

A atraente narrativa de Marcos foi escrita dentro de um contexto de perseguição e de medo, vivenciado pelas comunidades cristãs. No ano 64 d.C., Nero desencadeia uma perseguição aos cristãos de Roma, causando a morte de muitos discípulos e discípulas de Jesus. Em 66 d.C., Tibério Alexandre, prefeito do Egito, manda massacrar milhares de judeus por terem se rebelado contra Roma. No verão deste mesmo ano, Gêssio Floro manda crucificar judeus em Jerusalém, por terem se rebelado contra o saque que ele havia realizado no tesouro do templo¹.

Schnelle aponta outros elementos, além das perseguições, que exerceram forte influência para o surgimento do evangelho enquanto orientação literária e teológica. São eles: a morte de figuras fundadoras (Pedro, Paulo e Tiago), a destruição do Templo e da comunidade primitiva e a ascensão dos flavianos². Associado a este último, lembremos que os romanos exerciam poder político sobre a Palestina, impunham pesados impostos e, além disso, o culto ao imperador, no qual este era elevado a deus. O gênero literário evangelho será uma reação a isto e mostrará que Jesus traz outra boa-notícia diferente daquela advinda de Roma. O apego aos bens materiais não estariam em sintonia com a mensagem de Jesus. Também buscar estar entre os ricos, ter prestígio entre as pessoas não eram objetivos a serem alcançados por quem quisesse seguir Jesus. A helenização crescente fazia com que uma mentalidade oposta à de Jesus e à do Reino se alastrasse também entre os cristãos.

Situando-nos nas comunidades da Palestina e da Síria dos anos 70, lugar e tempo em que estão os destinatários do evangelho de Marcos, vejamos o que acontecia internamente. O atraso da parusia desanimava as comunidades e estas iam perdendo o foco no seguimento a Jesus. Além disso, a tendência ao triunfalismo crescia: já que se seguia ao “Filho de Deus” (1,1)³, a cruz e o sofrimento eram rejeitados. O ideal triunfalista lembrava a fama que Jesus tinha a partir dos milagres operados e das multidões que o seguiam. Marcos trata desde o início de mostrar que a morte seria consequência direta das opções de Jesus

¹ LOPES, Mercedes; MESTERS, Carlos. Comunidade que partilha – Perspectiva econômica e ecológica do evangelho de Marcos. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/RIBLA*, no. 59/1. Petrópolis: Vozes. 2008, p. 21.

² SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2010, p. 467-479.

³ Todas as citações bíblicas serão da tradução de: A BÍBLIA Sagrada. Tradução da CNBB. 3 ed. rev. atu. Brasília: Edições CNBB, 2006. Citações bíblicas sem referência a livro, necessariamente serão do evangelho de Marcos.

(cf. 3,6). Ele “lança nova visão do discipulado: os que querem seguir a Jesus devem tomar a própria cruz (8,34 – 9,1)”⁴.

É nesse sentido que o chamado *segredo messiânico* deve ser entendido. Ele faz parte da dinâmica do evangelho de Marcos, indicando que a identidade de Jesus vai sendo revelada aos poucos, de forma que esse segredo será desvelado somente aos pés da cruz. Lá o soldado romano irá proclamar ser este o “Filho de Deus” (cf. 15,39). “Ao pé da cruz, pode-se confessar, com toda liberdade, que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, pois, neste lugar, os títulos não dão margem a equívocos triunfalistas.”⁵ É neste contexto que Marcos (o redator do evangelho) organiza o seu material, composto de várias tradições (escritas e orais), dando-lhe o nome de *evangelho* (cf. 1,1). Trata-se de uma boa-notícia que dará sentido à vida dessas comunidades siro-palestinas. “O potencial inovador dos Evangelhos manifesta-se principalmente em níveis de interpretação e atuação, que precisavam ser desenvolvidos para as *perspectivas externa e interna*.”⁶

Como Marcos veicula esse potencial? De várias maneiras! A mais forte e talvez a mais importante mesmo seja através da pessoa de Jesus. Nosso autor pinta um Jesus que faz irromper o Reinado de Deus desde o início (cf. 1,15). E o faz de modo muito humano! Seu messianismo não o coloca acima de ninguém. Através da categoria de Filho do Homem, Marcos mostrará como Jesus é Filho de Deus! No entanto, não seria justo vislumbrar toda a intencionalidade de Marcos jogada apenas em Jesus. Cada pessoa que aparece ao longo do texto quer sinalizar e revelar algo aos seus/suas leitores/as. Aqui vamos nos ater a dois “grupos” de pessoas: os discípulos (especialmente os doze, ou melhor ainda, alguns deles) e as mulheres. Nossa leitura identificará ambos os grupos com arquétipos ou modelos para as comunidades de Marcos seguirem Jesus com mais fidelidade.

2- Os discípulos: “modelos” de cegueira no evangelho

Certamente os discípulos e as mulheres não são os únicos “grupos” presentes no segundo evangelho canônico. Poderíamos ainda lembrar os opositores de Jesus, seus familiares, seus conterrâneos, as multidões, entre outros. Aqui iremos nos ater a alguns

⁴ KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: história e literatura do cristianismo primitivo*. Vol. 2. São Paulo: Paulus, 2005, p. 186.

⁵ ALEGRE, Xavier. *Marcos ou a correção de uma ideologia triunfalista: chave de leitura de um beligerante e comprometido*. Belo Horizonte: CEBI, 1988, p. 40.

⁶ SCHNELLE, 2010, p. 481.

exemplos dos discípulos e das mulheres. De maneira inversa de um em relação ao outro, ambos servem de arquétipo para quem lê o evangelho marcano.

Os discípulos figuram já desde o início do evangelho. Após proclamar seu programa pelo Reinado de Deus (1,15), Jesus chama os quatro primeiros discípulos: Simão e André, Tiago e João (1,16-20). Pouco tempo depois chama Levi (2,14) e começa a andar com todos eles. No capítulo 3, Marcos acena que Jesus os chamou “para que ficassem com ele e para que os enviasse a anunciar a Boa Nova” (3,14). Ou seja, Jesus os chamou para criarem intimidade com ele e com o Reinado de Deus. No entanto, isso, ao longo do evangelho, não se concretizou. Os discípulos na verdade tornar-se-ão cegos e mostrarão a/o leitor/a de Marcos o quão difícil é, até para os mais próximos, entrar no Reino de Deus (cf. 10,24).

O evangelho de Marcos é composto por duas “metades”. A primeira delas é marcada pela incompreensão dos discípulos (até mesmo em função do segredo messiânico). O texto de Mc 8,27-33 opera como que a “dobradiça” entre as duas metades da obra. Inicia-se, então, com a segunda metade do texto, uma nova seção do evangelho, a qual é emoldurada pela cura de dois cegos (8,22-26; 10,46-52), que são figuras dos discípulos. Na verdade, os cegos são os próprios discípulos e não as pessoas que Jesus irá curar. À questão de enxergar pode ser comparada a de compreender (cf. 8,21): dos lados de uma mesma moeda. Ao invés de “garimpar” pela presença dos discípulos ao longo de todo o texto de Marcos nos ateremos a esta seção do ensinamento de Jesus (8,22 – 10,52). Ela concentra em si aquilo que está disperso ao longo do evangelho: o ensinamento de Jesus e a reação dos discípulos, os quais são modelos negativos ao leitor.

Os três anúncios da paixão em Marcos cadenciam a seção do ensinamento de Jesus no evangelho marcano. Nessa seção, no começo (8,31), no meio (9,31) e no fim (10,33s), os anúncios estão “distribuídos”, cada qual seguido de uma reação contrária dos discípulos. E não só: ao longo desta seção, Jesus interage com eles quase que exclusivamente no intuito de ensiná-los. Até mesmo as pessoas com quem ele dialoga se tornam depois objeto do tema do ensinamento (cf. por ex.: 9,28s; 10,10-12.23-31). Este é feito por meio de três tipos diferentes de instruções: “resposta a uma pergunta planejada pelos discípulos; esclarecimentos não pedidos, nos quais Jesus toma uma iniciativa; correções que Jesus faz a uma prática equivocada destes.”⁷

⁷ GALLARDO, Carlos Bravo. *Jesus, homem em conflito: o relato de Marcos na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 185.

Neste ponto, vale a pena retomar a intencionalidade do redator do evangelho, a fim de não haver uma fixação pela literalidade do relato. Na verdade, não estamos lidando com as limitações daqueles homens concretos que seguiram Jesus.

Os discípulos são como um espelho no qual alguém pode ver-se. Escutando esses textos, os membros da comunidade devem reconhecer-se nos discípulos, aprender deles, envergonhar-se de sua apostasia ou comover-se pelo dom da proximidade de Jesus a eles⁸.

Assim, neste espelho, os leitores de Marcos (as comunidades que estavam errando o passo no seguimento de Jesus, por terem perdido o eixo central do ser cristão) podem perceber o quanto estavam “cegas”. Não é sem motivo que os discípulos de Jesus são “modelos” de erro, cegueira ou mau-entendimento do Mestre. Vendo que os primeiros discípulos tiveram suas dificuldades de compreensão de Jesus e do programa do Reinado de Deus, cada leitor/a poderá ver com esperança seu futuro, aprendendo em que deve mudar.

Vejamos os exemplos utilizados por Marcos na seção de ensinamento. Pedro é chamado por Jesus de satanás (8,33); três discípulos perguntam a Jesus sobre Elias, por ainda duvidarem de quem seja Jesus (9,11), e os outros nove não conseguem expulsar um espírito mudo e não compreendem o porquê (9,14-29); entre eles discutem pelo caminho quem é o maior (9,33-37) enquanto Jesus falava sobre a entrega de sua vida (9,31s); João proíbe alguém de expulsar demônios por não os (aos discípulos) seguirem (9,38) enquanto eles próprios não tinham conseguido realizar isso (9,18); são incapazes de entender a novidade trazida por Jesus acerca do casamento (10,10) e das riquezas materiais (10,23-31); impedem que as crianças se aproximem de Jesus (10,13-16); por fim, alguns disputam por lugares privilegiados (10,35-40) e isso desperta ciúmes ou inveja nos demais (10,41), sinal de que todos almejavam isso. Assim, “Marcos transmitiu com vigor admirável o fracasso dos discípulos.”⁹ Trata-se de um recurso didático, por meio do qual ele pretende transmitir a mensagem de que é possível corrigir os erros ao longo do caminho e voltar a enxergar para seguir Jesus (cf. 10,46-52). Por exemplo, o Pedro de Marcos não seria estritamente o *Pedro histórico*, “do tempo da vida de Jesus, cuja recordação se mantém nas comunidades”, mas

⁸ GNILKA, Joachim. *Teología del Nuevo Testamento*. Valladolid: Trota, 1998, p. 178. (Tradução nossa)

⁹ GNILKA, 1998, p. 179. (Tradução nossa)

também o Pedro da igreja, “que confessou Jesus como Cristo, mas não deu o passo para confessá-lo de verdade como Filho do Homem que entrega a vida por todos.”¹⁰

Pedro é para a comunidade um sugestivo exemplo negativo, na exortação aos fieis para se familiarizarem pela fé e pela vida, com a sequência de humildade e elevação que caracteriza o Filho do Homem e a comunidade por ele representada¹¹.

Não apenas Pedro, mas os demais discípulos servem de “estímulo negativo” aos/às leitores/as de Marcos para que percebam ser possível corrigir-se, mudar de mentalidade (cf. 1,15), a fim de que Deus reine. Os erros deles certamente se assemelham aos dos/as leitores/as de Marcos. Se os discípulos tiveram suas dificuldades e fundaram a igreja de Jesus, aos destinatários do evangelho marcano seria possível também superar as (mesmas) limitações. Ao longo de seu evangelho, Marcos também indica alguns exemplos positivos que ajudam no seguimento a Jesus: a maioria deles estão representados em figuras femininas, tema principal deste artigo.

3- As mulheres: modelos de seguimento no evangelho

Se considerarmos que o evangelho de Marcos foi redigido num tempo em que o patriarcado era o sistema que regia as relações sociais, religiosas e econômicas, concluiremos que ele faz uma guinada nessa mentalidade, apenas pelo fato de inseri-las na narrativa. Mas não é só isso! Devemos ainda levar em conta que as mulheres são colocadas na grande maioria das vezes como exemplos de quem adere a uma dinâmica concreta: a do Reinado de Deus, trazido por Jesus. Ao longo do evangelho encontramos sete mulheres (no último caso, um grupo) cujos exemplos se tornam arquetípicos. Elas são colocadas em “pontos estratégicos” do evangelho, a fim de mostrar a/o leitor/a que, apesar de os discípulos terem suas dificuldades em compreender Jesus, elas exemplificam como segui-lo.

A primeira mulher considerada pelo evangelho de Marcos é a sogra de Simão (1,29-31). Trata-se de uma mulher que havia sido posta na cama pela febre. Jesus toca-a e ela, ao ser erguida, fica curada. Fruto desta cura é o *serviço* que é capaz de prestar aos que estão na casa, que agora se torna sua. Jesus a fez ressuscitar, ou seja, assumiu vida nova e expressão desta é o serviço. O próprio Jesus, identificado como *Filho do Homem*, dirá que veio para

¹⁰ PIKASA, Xabier. *Evangelio de Marcos: La buena noticia de Jesús*. Navarra: Verbo Divino, 2012, p. 592. (Tradução nossa)

¹¹ BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998, p. 179.

servir (cf. 10,45). Assim, a sogra de Simão já intui isso desde o início do evangelho e é modelo de serviço.

Depois disso, duas mulheres são colocadas juntas no mesmo relato. A primeira (5,21-24.35-43) é uma jovem de 12 anos e a segunda uma mulher que sofria de hemorragia por também 12 anos (5,25-34). A menina, filha do chefe da sinagoga, está à beira da morte (e chega a morrer). Seu pai vai até Jesus e implora por sua filha, o que põe Jesus a caminho. Aqui deparamo-nos com a impotência do judaísmo, que não é capaz de comunicar vida a uma menina que estava por ingressar, pela idade que tinha, na vida adulta. Quando morre, não pode ser tocada, pois o cadáver tornaria impuro quem o tocasse. Do mesmo modo, a mulher, com hemorragia (menstrual, provavelmente) é uma pessoa isolada (pois também torna impuro tudo o que toca), ou melhor, é uma morta-viva. Pikasa chega a afirmar: “O milagre de Jesus consiste em deixar ser tocado por ela.”¹² No entanto, o próprio texto atesta que ela como que roubou o milagre, e, por isso, é exemplo de fé (cf. 5,34). Jesus a chama de filha, ou seja, reinsere-a na comunidade de Israel, dando-lhe autonomia de vida (não depende mais dos sacerdotes). Já a menina, mesmo morando num ambiente puro (a casa do chefe da sinagoga), agora se tornava moeda de troca (pela idade a que chegara) e talvez isto a mate! A cura da hemorroísa deveria ser para Jairo uma ocasião de conversão e ver sua filha como pessoa a dar-lhe suporte familiar para que crescesse humanamente. A ela, depois de ressuscitada, Jesus nada fala, apenas pede que lhe deem de comer, isto é, precisam-na ver como gente, como pessoa humana. Ela é símbolo daqueles que foram relegados ao segundo plano na família: viverá a partir do momento em que os outros mudarem seu modo de vê-la.

A próxima mulher a que o evangelho de Marcos se refere é a mulher siro-fenícia (7,24-30). Agora estamos diante de uma mulher estrangeira, que vai fazer Jesus mudar de ideia. Ela convencerá Jesus de que todos são filhos, não apenas os judeus. No capítulo seguinte, por exemplo, Pedro tentará fazer, sem êxito, com que Jesus desista de seu projeto messiânico (8,32b). Isto porque Jesus está aberto não a tudo (a qualquer ideia), mas ao projeto do Pai, que é universal (para todos). A mulher, que pede pela filha é, portanto, símbolo dos que convencem Jesus da universalidade do Reinado de Deus.

¹² PIKASA, 2012, p. 422. (Tradução nossa)

A quinta mulher a figurar no segundo evangelho canônico é uma pobre viúva que oferta duas moedinhas no tesouro do Templo (12,41-44). A partir do exemplo dela (o de ofertar tudo o que tinha para viver), Jesus realiza seu último ensinamento público. A mulher aqui serve para contrapor toda a crítica de Jesus ao judaísmo que estava centrado no culto, e este no dinheiro. Aos discípulos que ficaram como que estáticos diante da afirmação de Jesus contra as riquezas (cf. 10,23), aquela mulher era o exemplo vivo de que é possível abandonar-se em Deus, deixando-o reinar! Embora ela não conheça Jesus, segue o seu ensinamento. É fiel a Deus e símbolo de quem confia incondicionalmente n'Ele.

Na sequência temos a mulher que unge Jesus, preparando-o para a sepultura (14,3-9). Ela dá a Jesus o que de melhor tem: um perfume de nardo puro, o qual é símbolo do amor da esposa. Não importa a ela o valor financeiro que possa ter. Os homens (não se diz que são discípulos) reagem negativamente ao gesto da mulher. Continuam não aceitando que Jesus entregue sua vida (através da morte); propõem que se venda o perfume e se dê o dinheiro aos pobres, isto é, aceitam que se dê coisas, mas não a própria vida. Já a mulher é sinal do amor sem limites, igual ao de Jesus, que vai até o extremo.

O perfume é de *alto preço*, sinal da qualidade do amor que se oferece; *quebrar o frasco*, derramando todo o perfume/amor, simboliza a disposição à entrega total (8,34s); esse amor *unge a cabeça* de Jesus, ou seja, reconhece e confirma sua realeza (cf. 1Sm 10,1), que vai ser proclamada na cruz (15,26); os verdadeiros seguidores são os que aceitam Jesus como crucificado. A mulher/esposa é assim figura da comunidade ideal de Jesus: esta responde ao amor que ele vai manifestar na sua morte com um amor que leva a identificar-se com ele na entrega até o fim pelo bem da humanidade¹³.

A última menção às mulheres no evangelho de Marcos se dá após a sua morte. Agora se trata de pessoas concretas, com nome, para retratar uma realidade histórica. Estas mulheres são nomeadas em 15,40: Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago menor e de Joset, e Salomé, entre outras. Elas seguiram Jesus e viram-no morrer na cruz, ao passo que os homens (discípulos) o abandonaram (um traiu, outro negou e os demais fugiram). Ou seja, no final do evangelho, todos os homens fracassaram (o único homem que Marcos alude nesse momento é o centurião romano); as mulheres, por seu turno, seguem, servem e sobem a Jerusalém com Jesus (no sentido de partilhar seu projeto). Serão estas mesmas três mulheres que verão o túmulo vazio e, diante do anúncio do jovem vestido de branco, ficarão em tremor, fora de si e caladas pelo medo (cf. 16,8). Parece que, no fim de tudo, homens e

¹³ MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. *Marcos: texto e comentário*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 322.

mulheres ficam em pé de igualdade. Mas não! Isto porque para o evangelho ter sido escrito e as primeiras comunidades terem sido fundadas é evidente que esse silêncio foi quebrado e o anúncio da ressurreição iniciou pelas mulheres que viram o túmulo vazio. Voltar para a Galileia, como pede o jovem de vestes brancas, significa recomeçar toda a prática de Jesus. E serão as mulheres, ou melhor ainda, as discípulas quem iniciarão isso.

Temos assim, através destas sete personagens (ou grupos), modelos de verdadeiro discipulado. Mulheres que apontam para como servir, acreditar (ter fé), ser vista como pessoa; são modelos de persuasão, fidelidade, amor e, enfim, missionariedade. É nesse sentido que Jesus significa uma novidade, uma Boa-Notícia para a sociedade e religião feitas basicamente por homens. “Naquele tempo, dentro do judaísmo, não era permitido que uma mulher estudasse a Torá com um *rabi*. Aliás, nem havia uma palavra no aramaico para dizer discípula.”¹⁴ Marcos as valoriza não apenas retomando suas posturas, mas sempre lembrando-nos delas como pessoas que captaram o essencial da mensagem de Jesus.

Considerações Finais

Com base em nossa exposição vimos os papéis antagônicos entre os discípulos e as mulheres no evangelho de Marcos. Apesar do antagonismo, ambos servem para mostrar às comunidades a que Marcos endereça seu evangelho que é possível seguir Jesus. Para uma sociedade patriarcal, o evangelho de Marcos significa um giro copernicano pelos dois motivos que expusemos acima: os discípulos são tratados como “modelos negativos” e as mulheres como modelo ao discipulado. Os discípulos são memória permanente de que o ser humano oferece resistências para que Deus reine, e o ensinamento de Jesus precisa ser constantemente retomado. Marcos projetou nos discípulos a mentalidade de suas comunidades a fim de que estas reconhecessem neles a resistência em aceitar um messias que sofre e morre.

Já as mulheres, que dão testemunho daquilo que deve ser o seguimento a Jesus, vão preenchendo as lacunas deixadas pelos discípulos (e outros grupos a que não nos ativemos aqui). Resgatar seu testemunho significa imprimir a força e a novidade do evangelho de Jesus, o Filho de Deus (cf. 1,1). Apesar do desafio que é seguir Jesus, muitas pessoas conseguiram e há modelos para isso. Para tanto será preciso romper com a timidez

¹⁴ LOPES, Mercedes. *Discípulos e discípulas de Jesus no evangelho de Marcos*. São Leopoldo: Cebi, 2012, p. 14.

e o silêncio (cf. 16,8), a fim de que a Boa-Nova de Jesus (re)comece pelas Galileias não apenas do tempo de Marcos, mas nas de todos os tempos.

Referências

A BÍBLIA Sagrada. Tradução da CNBB. 3 ed. rev. atu. Brasília: Edições CNBB, 2006.

ALEGRE, Xavier. *Marcos ou a correção de uma ideologia triunfalista*: chave de leitura de um beligerante e comprometido. Belo Horizonte: CEBI, 1988.

BERGER, Klaus. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998.

GALLARDO, Carlos Bravo. *Jesus, homem em conflito*: o relato de Marcos na América Latina. São Paulo: Paulinas, 1997.

GNILKA, Joachim. *Teología del Nuevo Testamento*. Valladolid: Trota, 1998.

KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento*: história e literatura do cristianismo primitivo. Vol. 2. São Paulo: Paulus, 2005.

LOPES, Mercedes. *Discípulos e discipulas de Jesus no evangelho de Marcos*. São Leopoldo: Cebi, 2012.

_____. MESTERS, Carlos. Comunidade que partilha – Perspectiva econômica e ecológica do evangelho de Marcos. *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/RIBLA*, Vida em comunidade, no. 59/1, p. 20-33. Petrópolis: Vozes, 2008.

MATEOS, Juan. CAMACHO, Fernando. *Marcos: texto e comentário*. São Paulo: Paulus, 1998.

PIKASA, Xabier. *Evangelio de Marcos*: La buena noticia de Jesús. Navarra: Verbo Divino, 2012.

SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus; Santo André: Academia Cristã, 2010.